



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_07/2019

Homilia na Missa Vespertina
da Ceia do Senhor

Braga, Sé Catedral, 18.Abr.2019, 16h

Viver Cristo e a vida

Há momentos na vida em que sentimos uma satisfação interior quando lemos algum texto. Encontramos, por vezes, confirmação daquilo que deu um sentido novo à nossa vida, nos marcou e deu origem a experiências novas, como se de uma autêntica conversão se tratasse.

Tive este sentimento quando li o quarto capítulo da Exortação Apostólica *Cristo Vive*, onde o Papa fala do grande anúncio a todos os jovens. Regressei à minha juventude e interiorizei o que revolucionou o meu ser de padre jovem. O Santo Padre diz que quer anunciar “o mais importante, o principal, aquilo que nunca se deveria calar” (C.V. 111). São três verdades fundamentais para os jovens e para todas as pessoas de boa vontade.

Este horizonte integra e explica o que a liturgia nos recomenda. Celebramos o amor e aceitamos o mandato de o semear no coração da sociedade. Só o amor retira todas as pedras que muitos as colocam no caminho. Recordamos, por fim, que a Eucaristia, sacramento do amor pela entrega de Cristo, é semente de um mundo novo com espaço para todos.

Quais são as três verdades que o Papa recorda e que devemos trazer para a nossa vida, jovens ou adultos?

Em primeiro lugar, a redescoberta de Deus e a opção pelo Seu amor. Nem sempre o anúncio que fazemos apresenta um Deus que deseja o bem, a estima e a consideração. Outrora, e ainda hoje, apresentávamos um Deus terrível, distante, vingativo, sempre pronto a castigar. Mas, Deus “não quer ter em conta os teus erros e, em qualquer circunstância, ajudar-te-á a aprender qualquer coisa inclusive com as tuas quedas” (n. 115).

O amor de Deus “não esmaga, não marginaliza, não humilha. É um amor de todos os dias, que cura e que levanta. É um amor que sabe mais de subidas do que de quedas, de reconciliação que de proibição, de dar uma nova oportunidade do que condenar, de futuro que de passado” (n. 116). Não se incomoda que lhe sejam apresentadas interrogações e preocupações.

No meio de tantas hipocrisias e mentiras, promessas e compromissos sociais, ilusões e fantasias, encontraremos a esperança quando descobirmos a singularidade de Deus e a apresentarmos ao mundo. Deus deseja apenas o nosso bem. Acreditar em Deus-amor é sempre possível e descobrir esse amor nas coisas do dia-a-dia é a missão que nos une. A vida, quando encarada nesta perspectiva,



vence as nuvens negras, elimina o sofrimento e descobre as alegrias serenas, acredita naquilo que é positivo e coloca de lado as visões pessimistas e alarmistas. O amor vence tudo (*Omnia vincit amor*).

A outra grande verdade a redescobrir, e que marcou a minha vida, é a certeza de que Cristo é o Salvador. “Cristo salva-te”. A vida em Cristo – de ontem, de hoje e de sempre – é este colocar-se ao lado de todos para dar a vida. Jesus passou a vida a fazer o bem. No respeito pela liberdade, não deixa ninguém sozinho, marginalizado. Acompanha-nos no caminho para revelar os segredos de uma amizade autêntica. Gastou a sua vida fazendo-se próximo dos necessitados, a última ceia foi a dádiva por excelência e a cruz foi o sinal eloquente do Seu envolvimento com os males da sociedade. “Os seus braços abertos na cruz são o sinal mais precioso de um amigo capaz de chegar ao extremo (n. 118). Com a Sua entrega total, continua, ainda hoje, a salvar-nos e a resgatar-nos. O Seu amor é maior que todas as nossas contradições, do que todas as nossas fragilidades, do que todas as nossas mesquinhas (n. 120).

Perante esta maravilha do amor de Deus, faz cada vez mais sentido o apelo que o Santo Padre lançou aos jovens e, porque não dizê-lo, a todos nós: “Jovens amados pelo Senhor, quanto valeis vós, se fostes redimidos pelo sangue preciosos de Cristo! Jovens queridos, vós “não tendes preço! Não sois peças de leilão! Por favor, não vos deixeis comprar, não vos deixeis reduzir, não vos deixeis escravizar pelas colonizações ideológicas que nos metem ideias na cabeça e, no fim, tornamo-nos escravos, dependentes, fracassados na vida. Vós não tendes preço; deveis repeti-lo continuamente: eu não estou em leilão, não tenho preço. Sou livre, sou livre! Enamorai-vos desta liberdade, aquela que Jesus oferece.” (n. 122)

Não podemos considerar-nos seguidores de uma ideologia e simples cúmplices de um conjunto de actividades a realizar por gosto ou paixão. Somos discípulos de Cristo, que está vivo, ou seja, não é mera recordação do passado. É alguém que nos salvou há dois mil anos, que vive, liberta-nos, transforma-nos, cura-nos e consola-nos.

Como vivente, quer entrar na nossa vida para a plenificar, para a encher de luz e da sua presença. Não é a Sua vida como alguém que está ao nosso lado, como os vizinhos ou amigos. A Sua vida tem de estar na nossa vida. Não como vidas paralelas mas como realidades convergentes numa unidade que não destrói a nossa personalidade mas que lhe inculca o mesmo sentido e motivação. É ele a agir através da nossa liberdade. Como consequência, “agarrados a Ele, vivemos e atravessamos todas as formas de morte e de violência que nos espreitam no caminho” (n. 127).

É importante deixar que Cristo viva em mim, assim como vivermos com a responsabilidade de o fazer presente em toda a Humanidade. Quando nasceu não foi um simples galileu. Identificou-se com todos os homens, de todas as épocas e circunstâncias. É Ele que está no rico e no pobre, no empresário ou no trabalhador, no médico ou no doente, no português ou no cidadão de qualquer parte do mundo, no estudante e no professor, no membro da minha comunidade ou no seguidor de qualquer religião. Ele é o Homem e tudo o que deixo de fazer à pessoa concreta é a Ele que deixo de o fazer. E tudo o que faço, a pequenos ou grandes, é a Ele que o faço.



Perante as realidades que celebramos, da instituição da Eucaristia, da cerimónia do lava-pés, do mandato de anunciar e viver o amor, pergunto se não seremos capazes de dar ao cristianismo aquela força revolucionária que sempre teve. No altar e no gesto de lavar os pés, este ano, pergunto-me se é o cristianismo que não tem valor ou se são os cristãos que não se comprometem com o seu radicalismo inovador e construtor de um mundo novo.

Acreditar em Deus amor, saber que Cristo corre por mim para me salvar e permitir que Ele viva nos cristãos e por intermédio daquilo que fazem pelos outros é um itinerário que continuará a fazer história se assim o quisermos.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*